

Anna Paliwoda e Pedro Costa

22 Set 2020
19:30 Sala Suggia

BEETHOVEN 2020
PRÉMIO NOVOS
TALENTOS
CASA DA MÚSICA

INTEGRAL DAS SONATAS PARA PIANO E VIOLINO DE BEETHOVEN — 2.º RECITAL

Ludwig van Beethoven

Sonata n.º 1 em Ré maior para piano e violino, op. 12 n.º 1

(1797-98; c. 22min)

1. *Allegro con brio*
2. *Tema con Variazioni: Andante con moto*
3. *Rondo: Allegro*

Sonata n.º 3 em Mi bemol maior para piano e violino, op. 12 n.º 3

(1797-98; c. 18min)

1. *Allegro con spirito*
2. *Adagio con molt'espressione*
3. *Rondo: Allegro molto*

[Pausa técnica]

Sonata n.º 7 em Dó menor para piano e violino, op. 30 n.º 2

(1801-02; c. 26min)

1. *Allegro con brio*
2. *Adagio cantabile*
3. *Scherzo: Allegro*
4. *Finale: Allegro*

As sonatas para piano e violino de Beethoven e a música em transformação

A música de câmara do Classicismo Vienense situa-se numa encruzilhada entre novos modelos de sociabilidade, inovação tecnológica, mercantilização da música e mudança estética. A aristocracia melómana do Império dos Habsburgos apoiou a prática musical privada e semiprivada, marcando um período em que a ilustração e o bom gosto eram o foco dos salões vienenses. O desenvolvimento na construção de instrumentos do final do século XVIII influenciou os instrumentos de corda friccionada e os seus arcos, bem como o pianoforte, instrumento que rapidamente se tornou ubíquo. Com a valorização de práticas musicais domésticas o panorama musical foi transformado, fomentando o negócio editorial. A constituição de um mercado heterogéneo contribuiu para que a música de câmara fosse frequentemente encomendada aos compositores e o desenvolvimento tardio do concerto público em Viena transformou géneros ligados ao espaço doméstico, adaptando-os a apresentações de cariz virtuosístico. Nesse contexto, o Classicismo tardio encontra-se numa confluência de múltiplos factores, que contribuíram determinadamente para a transformação do panorama musical europeu.

A sonata para piano e violino, designação muito comum na época e que evidencia a centralidade do pianoforte, foi um género muito cultivado. Misturando elementos barrocos com os novos princípios expressivos, as sonatas são obras com um número variável de andamentos contrastantes, em que dois instrumentos que Beethoven bem conhecia interagiam de forma próxima. Os primeiros fragmentos de uma sonata para piano e violino do compositor datam do início da década de 1790, seguindo-se dois conjuntos escritos entre 1797 e 1803, que incluem as três sonatas apresentadas neste recital. Nessas obras, encontramos um mostruário do estilo clássico tardio e da linguagem inconfundível de Beethoven.

Sonatas para piano e violino op. 12 n.ºs 1 e 3

O primeiro conjunto de sonatas para piano e violino foi escrito por Beethoven entre 1797 e 1798, tendo sido publicado em Viena no ano seguinte. Dedicadas ao compositor italiano (residente em Viena) Antonio Salieri, encontram-se divididas em três andamentos. Orientadas para a música doméstica, reflectem a centralidade do piano nesse contexto e encarnam o estilo do jovem Beethoven, compositor em ascensão no meio musical vienense. A consolidação do estilo sonata, a valorização do contraponto e do princípio de variação e o culto do contraste caracterizam as sonatas para piano e violino op. 12.

A *Sonata para piano e violino n.º 1 em Ré maior* começa com um andamento em forma *allegro* de sonata em que o primeiro tema, afirmativo e evocando bravura, é apresentado em uníssono pelos dois instrumentos. Segue-se a troca de materiais musicais entre os intervenientes, mantendo o lugar destacado do piano na sonata. Os dois instrumentos alternam nas funções de apresentação temática e acompanhamento, assentes em percursos harmónicos instáveis e recorrendo ao contraponto. O lirismo do segundo grupo temático desemboca no desenvolvimento movimentado e tumultuoso, que conduz a uma reexposição alterada. O princípio da variação pontifica no *Andante con moto*, em que Beethoven apresenta um tema bipartido e *cantabile* seguido de quatro variações. A primeira variação atribui destaque às figurações do piano, que é acompanhado pelo violino. Os papéis invertem-se na variação seguinte, onde pontifica a expressividade do violino. A terceira variação encontra-se em modo menor, contrastando com as anteriores na atmosfera e na textura. Os intervenientes encontram-se equiparados, tal como na variação seguinte, que marca o retorno à calma e à placidez. A sonata termina com um rondó de refrão dançável e sincopado em que os jogos de pergunta-resposta e a leveza são interpolados por episódios mais líricos.

O ciclo das primeiras sonatas de Beethoven para piano e violino termina com a *Sonata para piano e violino n.º 3 em Sol maior*. A obra começa com um andamento cinético em forma *allegro* de sonata, que integra movimento e grandiosidade. O primeiro grupo temático centra-se no virtuosismo do piano, acompanhado harmonicamente pelo violino, numa inversão de papéis. O violino introduz a melodia *cantabile* do segundo grupo temático, cedendo lugar ao desenvolvimento, baseado no diálogo dos intérpretes. O *Adagio con molt' espressione* apresenta uma melodia de carácter lírico que remete para o contexto da ópera séria. O andamento é dominado pela expressividade e pela ligação próxima entre os dois instrumentos. Um rondó vivo e alegre termina a sonata. A periodicidade das frases saltitantes do refrão é intercalada por episódios contrastantes que valorizam o contraponto. Uma coda que se adensa enfatiza o dramatismo com o qual a sonata termina.

Sonata para piano e violino op. 30 n.º 2

As três sonatas que integram o op. 30 de Beethoven foram escritas em Viena entre 1801 e 1802. Nessa época, o compositor ocupava um lugar proeminente no meio musical da cidade, tendo apresentado obras de grande fôlego, como as primeiras sinfonias. Paralelamente, os primeiros sinais de surdez fizeram a sua aparição. Dedicadas a Alexandre I, czar da Rússia, as peças ilustram a transformação da sonata no Classicismo Vienense.

Dividida em quatro andamentos, a *Sonata para piano e violino n.º 7* tem início com um andamento em forma *allegro* de sonata. O primeiro grupo temático é marcado pelo carácter misterioso e pela atmosfera tempestuosa que incorpora o “estilo heróico” de Beethoven. A tonalidade de Dó menor, tão cara ao compositor, é o pano de fundo para o desenrolar da obra, incorporando o *pathos* da época. O segundo grupo temático encontra-se numa textura de marcha, contrapondo uma certa regularidade ao carácter do início. O recurso ao contraponto e a rapidez do tempo harmónico potenciam a instabilidade do desenvolvimento, que antecipa a reexposição. O lirismo contemplativo emerge no *Adagio cantabile*, que expõe uma melodia assente sobre um percurso harmónico surpreendente, criando e dissolvendo tensões. O adensamento da textura contrapontística combinado com a aceleração rítmica e harmónica conduzem o andamento ao final. O terceiro andamento encontra-se em forma *Scherzo-Trio-Scherzo*. As secções extremas têm um carácter lúdico e uma textura vertical, sendo contrapostas a um Trio que elabora a melodia do A de forma contrapontística. A tensão e o dramatismo dominam o início do último andamento. Em forma rondó-sonata e favorecendo os *crescendi*, remete para a atmosfera misteriosa do primeiro andamento. Episódios contrastantes líricos de grande leveza são contrapostos ao material inicial, reflectindo o interesse de Beethoven em conciliar universos distintos.

JOÃO SILVA, 2020

Anna Paliwoda violino

Anna Paliwoda nasceu em Katowice (Polónia), em 1992. Iniciou os estudos musicais aos 7 anos na Escola de Música Karol Szymanowski, em Katowice. Prosseguiu a formação na Academia de Música Ignacy Jan Paderewski em Poznan (Polónia). Entre 2013 e 2017, estudou na Escola Superior de Música Reina Sofía, na classe de violino de Marco Rizzi e na classe de viola de Diemut Poppen. Frequentou masterclasses de Vadim Gluzman, Nils Mönkemeyer, Günter Pichler e Mauricio Fuks. Foi premiada na categoria de violino em vários concursos, destacando-se o Concurso Bohdan Warchal em Dolny Kubin (Eslováquia), o Concurso de Violino em Sochaczew (Polónia) e o II Concurso para Jovens Violinistas Tadeusz Wronski em Tomaszow Mazowiecki (Polónia). Em 2012 foi finalista do XIX Concurso Internacional de Violino Andrea Postacchini de Fermo, Itália.

Foi membro da Orquestra Sinfónica Freixenet, dirigida por Víctor Pablo Pérez, Zubin Mehta, Pablo Heras-Casado e Stefan Lano; da Orquestra de Câmara Freixenet, dirigida por Andrés Schiff e Eldar Nebolsin; da Camerata Viesgo, dirigida por Gordan Nikolic e Peter Eötvös. Foi também membro do Quarteto Mendelssohn de BP e do Quarteto Óscar Esplá de Asisa. Em 2016 concluiu a Licenciatura na Academia de Música Karol Szymanowski em Katowice. Em 2017 entrou na Orquestra Sinfónica de Euskadi em San Sebastián, integrando o naipe dos primeiros violinos.

Tem participado regularmente no Festival Cantabile e apresenta-se em recitais de música de câmara ao lado de solistas como Diemut Poppen, Ivan Monigetti e Christel Lee. Desde 2018, vive em Lisboa, onde estuda na Escola Superior de Música de Lisboa, na classe de Ana Beatriz Manzanilla, e desempenha as funções de chefe de naipe dos segundos violinos na Orquestra Gulbenkian. Em 2019, ganhou o primeiro Prémio no Concurso de Interpretação do Estoril.

Pedro Costa piano

Especializado no acompanhamento de canto e música de câmara, Pedro Costa é um pianista português que vive actualmente em Viena (Áustria). Desde 2017, é pianista correpetidor da Universidade de Música e Artes Performativas de Graz.

Foi vencedor de importantes concursos tais como o Concurso de Interpretação do Estoril, o Prémio Helena Sá e Costa, o Concurso Louis Spohr para Acompanhamento de Lied em Kassel (Alemanha) e o Concurso New Tenuto (Bélgica).

Actuou como solista com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, a Orkest der Lage Landen e a Koninklijke Muziekkapel van de Gidsen, trabalhando com maestros como Joana Carneiro, Luís Carvalho, António Saiote, Yves Segers e Walter Proost.

Tem vindo a apresentar-se em diversas salas europeias, destacando-se: Wigmore Hall em Londres, Große Saal Mozarteum em Salzburgo, Flagey em Bruxelas, Casa da Música no Porto, COB, Teatro S. Carlos e Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa. Participou igualmente em festivais internacionais como o Cistermúsica, o Festival ao Largo, o Festival Internacional de Música da Póvoa do Varzim, o Festival Estoril Lisboa, o Europart e o Harmos Classical, entre outros.

Juntamente com o oboísta Guilherme Sousa e o fagotista Paulo Ferreira, fundou o Perspective Trio com o qual alcançou o primeiro prémio na categoria de Música de Câmara do Prémio Jovens Músicos em 2015. Celebrando todos os anos as efemérides de vários compositores, mantém intensa actividade com o Trio à la Joie, fundado em 2017 e constituído pela soprano Marina Pacheco e pelo barítono Tiago Matos — nos últimos dois anos, este trio colaborou no projecto pedagógico Xiquitsi em Maputo (Moçambique).

Dado o seu especial interesse no acompanhamento de Lied, participou em várias edições das International Lied Masterclasses em Bruxelas, onde trabalhou com prestigiados cantores e pianistas, tais como Udo Reinemann, Christianne Stotijn, Anne Sophie von Otter, Peter Schreier, Ann Murray, Christoph Prégardien, Sir Thomas Allen, Mitsuko Shirai e Hartmut Höll. Acompanha regularmente cantores como Peter Kellner, Josh Lovell, Coline Dutilleul, Laure-Catherine Beyers e Ana Caseiro. Foi também premiado com o Prémio de Melhor Acompanhador no Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa e o 3.º Prémio de Piano no Concurso de Lied “Helmut Deutsch”.

Nascido em 1989 em Macau, Pedro Costa é licenciado pela ESMAE no Porto (na classe de Luís Filipe Sá). Em 2015 terminou com distinção o Mestrado em Piano no Conservatório Real de Bruxelas com Piet Kuijken. Estudou também com Joseph Breinl e Julius Drake na Universidade das Artes de Graz (Áustria), num Mestrado especializado em acompanhamento de canto.